

EM BUSCA DE UMA IDENTIDADE: TRAÇOS DA “FIORENTINITÀ” EM VASCO PRATOLINI.

Maria Célia Martirani Bernardi Fantin¹

RESUMO

A complexa contradição da chamada “questão da Língua Italiana”, que aponta, de um lado, à aspiração de uma identidade nacional, de outro, à realidade lingüística múltipla e variada dos dialetos é constatação, ainda, bastante polêmica. Neste estudo, pretende-se verificar como esta contradição lingüística se reflete, dialeticamente, em termos literários. Ou seja, de que modo a ânsia por uma afirmação lingüística deixou marcas em alguns procedimentos estilísticos e semânticos de alguns escritores italianos modernos, mais especificamente em Vasco Pratolini.

Palavras-chave: Língua Italiana; Dialetos; Contradição; Identidade; Literatura.

ABSTRACT

La complessa contraddizione della così detta “questione della Lingua Italiana”, la quale, indica, da una parte, l’aspirazione ad una identità nazionale, dall’altra, la realtà linguistica multipla e variata dei dialetti è un argomento, ancora, molto polemico. In questa analise si intende verificare come questa contraddizione linguistica si riflette, diaeticamente, in termini letterari. Ossia, in quale modo l’ansia per un’affermazione linguistica ha lasciato le sue tracce in qualche procedimento stilistico e semantico di alcuni scrittori italiani moderni, più specificamente in Vasco Pratolini.

Parole-chiavi: Lingua Italiana; Dialetti; Contraddizione; Identità; Letteratura.

Partindo de algumas análises sobre a chamada “questão da Língua Italiana”, é necessário perceber a tensão, o conflito entre a Língua Italiana, que visa a uma identidade nacional (conforme as aspirações ideológico-políticas, sobretudo a partir do contexto

¹ Maria Célia Martirani Bernardi Fantin é mestrandona curso de Italiano do Departamento de Letras Estrangeiras Modernas da USP e professora de Italiano no Corso Italia Viva.

histórico da época do Risorgimento e da Unificação da Itália- séc. XIX) e uma realidade lingüística que existe e persiste, quase como forma de resistência a essa padronização: a da multiplicidade e variedade dos dialetos. Assim, se há uma tendência, uma necessidade política de se identificar “Unidade Linguística” à “Unidade Nacional”, através da adoção de uma Língua Italiana standard, ensinada nas escolas, como Língua Oficial da Nação Italiana (muito reiterada e enfatizada pelos meios multimidiáticos, como estratégia política de unificação), há, também, uma força vivíssima, representante legítima dos diferentes povos que habitaram e acabaram por constituir as mais variadas características culturais das regiões italianas, qual seja a dos dialetos. A atual e insolúvel “questão da Língua” nos é bem colocada por NENCIONI (1988) , que no ensaio “Identità Linguistica x Identità Nazionale” toca no cerne dessa contradição, quando pergunta, afinal: “Che vuol dire essere italiani?” (“Que significa “ser italiano?”)².

O presente estudo pretende verificar como essa contradição lingüística, inerente à incessante e perene busca de uma identidade nacional, se reflete em termos literários. Ou seja, de que modo essa ânsia por uma afirmação lingüística deixou marcas em alguns procedimentos estilísticos e semânticos de alguns autores italianos modernos, mais especificamente em Vasco Pratolini.

Nosso intuito, portanto, será o de refletir sobre a importância da compreensão do fenômeno lingüístico italiano, como forma de entendimento da busca de uma identidade complexa e contraditória. Levantamos, para tanto, dois problemas essenciais:

- a) como se afirmou o “florentino”, como possível representante de um espírito italiano;
- b) como alguns traços dessa “florentinidade” se apresentam na Literatura, particularmente em Vasco Pratolini.

A fim de atingirmos nosso objetivo, nos valeremos, num primeiro momento, da análise de alguns textos elucidativos sobre o contexto histórico em que a língua florentina

² NENCIONI, G. **Di scritto e di parlato. Discorsi linguistici.** Bologna: Zanichelli, 1988.

irá se afirmando como língua nacional (procurando constatar a riqueza dessas discussões lingüísticas, basicamente, a partir de Nencioni, Tagliavini, Migliorini, Rohlfs, Eco). Dedicaremos especial atenção ao “*De vulgari eloquentia*” de Dante e ao “*Discorso o dialogo intorno alla nostra língua*” de Niccolò Machiavelli. A seguir, tentaremos verificar, através da leitura atenta de contos e fragmentos da obra do escritor florentino Pratolini (em comparação a alguns dos “*Racconti Romani*” de Moravia) de que modo se mantiveram ou não, certos aspectos característicos de uma reverência nostálgica aos ideais dantescos dessa língua.

1.O TRECENTO FIORENTINO: - O SIGNIFICADO DA TRIPLICE CORONA DANTE: “DE VULGARI ELOQUENTIA”

Para elucidar a existência do conflito identidade nacional x identidade lingüística, é fundamental conhecer o contexto histórico- político- econômico em que surgiu a necessidade de afirmação da Língua Italiana. Ou seja, é preciso voltar os olhos ao período do “Trecento Fiorentino”, que foi um século particularmente importante na História da Itália, já que Firenze ascende como centro de uma vitalidade prodigiosa ligada aos mercadores, simultaneamente ao aparecimento da chamada “Triplice Corona”, formada pelos três grandes escritores Dante Alighieri, Francesco Petrarca e Giovanni Boccaccio, que em essência foram, segundo o que nos revela MIGLIORINI (1958), os principais modelos para a unificação lingüística nacional. Realmente, naquela época, “Firenze era um terreno propício aos grandes escritores”³. Aquele século foi marcado pela concentração de desejos de glória, ânsia de beleza, que definem, em boa medida, o que se passaria a chamar Humanismo. E será, a partir dos escritores da Triplice Corona, que se definirá o “vulgar ilustre”. Assim, apenas alguns homens que haviam já amadurecido uma nova concepção da cultura, nutrindo-se da Língua e do pensamento dos clássicos, poderiam dar ao vulgar uma nova forma, altamente artística e um impulso novo. Mas o que mais chama a atenção é o primado, a preponderância do que será o vulgar ilustre em Firenze: os três

³ MIGLIORINI, B. *Storia della lingua italiana*. Firenze: Sansoni, 1958.

grandes escritores conseguirão uma excelência estilística que não se via desde a Antiguidade.

A fama, o culto à Tríplice Corona, faz com que esses escritores sejam admirados em toda a Itália. São diversos, mas ao mesmo tempo, revelam como característica comum, a extrema paixão pela forma. Finalmente, o público tem à sua disposição três grandes escritores, que podem ser, não apenas lidos prazerosamente, mas também considerados como modelo estilístico e gramatical.

Disso tudo resulta a consciência de uma posição de proeminência, de destaque dos florentinos, em relação ao resto da Itália e, inclusive dos florentinos em relação à região da Toscana. Cria-se, a partir de então, um orgulho do Florentino, como Língua, rica em vocábulos, pronúncias e estilos, associados ao chamado “Bom Italiano”.

A análise do texto “L’essenza del toscano” de NENCIONI (1988) nos fala da consciência de Dante, que já em seu “De Vulgari Eloquentia” aponta para uma “superioridade lingüística”, que diferencia a Toscana das demais regiões italianas. “No De Vulgari Eloquentia nota-se que, já no início do Trecento, tinha se acendido na Toscana aquela glória da Língua, aquele complexo de superioridade linguística, que constitui uma dominante na história da região”⁴.

Segundo DANTE (citado por NENCIONI), porém, os dialetos toscanos pecariam por uma “desmedida quanto à aspereza, à rigidez. A qualidade, o equilíbrio do vulgar itálico é a suavidade, a docura”. Como, porém, conceituar o que ele denomina “docura”? Como o resultado da relação proporção harmônica que rege a música e a poesia: “é a desenvoltura das suas sílabas; as propriedades das construções; as suaves orações, a dulcíssima e amabilíssima beleza”⁵. Daí porque o toscano-toscano de Dante se transforma no toscano-florentino, marcando mais um ponto a favor do primado de Firenze. Importa observar, porém, que, embora consciente da necessidade de afirmação de um “vulgare ilustre”, o grande autor tenha, contraditoriamente, escrito sua apologia do vulgar em Latim. Essa atitude se justificaria, porque, de fato, o Latim era, àquela época, a norma

⁴ Id. 1

⁵ Id. 1

lingüística regulamentar, a língua usada nos tratados filosófico-científicos, a que se tinha como mais adequada à explanação de idéias e reflexões do pensar sério e sistematizado. Por isso, é bastante previsível e compreensível que, enquanto poeta, Dante escrevesse em vulgar, mas enquanto pensador, nutrido da filosofia escolástica, escolhesse o Latim, inclusive como instrumento lingüístico de maior alcance para a divulgação de seu tratado. ECO (2002), na obra “*La ricerca della lingua perfetta nella cultura europea*” afirma que Dante diferenciava já claramente, no “*De vulgari eloquentia*”, o vulgar do latim, em termos de uma consciência lingüística extremamente elaborada e sofisticada, se comparada às demais reflexões do gênero no Trecento. É preciso ressaltar que ele entendia o vulgar como a língua que as crianças aprendem a usar quando começam a articular os sons, que recebem imitando suas nutrizes, sem necessidade de nenhuma regra. Em contrapartida, haveria uma “*locutio secundaria*”, chamada pelos romanos de “gramática”, uma língua governada por regras que só se aprendem, através de um processo de longo estudo e que se consolidaria no espírito, através de um hábito lingüístico.

Assim, Dante tinha consciência de uma língua “natural”, primeira e primária e uma secundária, “artificial”, regulamentar, escolástica. E, diante desta distinção, ele afirma que o vulgar é, sem dúvida a mais nobre porque usada primordialmente pelo gênero humano, “porque é possível fruí-la de modo inteiro, porque é constituída de diversos vocábulos e pronúncias e, sobretudo, porque é natural, enquanto a outra é artificial”⁶. Logicamente, ainda que estivesse atento às diferenças, mantinha um respeito reverencial, bastante compreensível, pelo latim escolástico, que era a única língua, gramaticalmente ensinada nas escolas, idioma artificial, “perpétuo e incorruptível”, língua internacional da Igreja e da universidade. Interessante observar, no que toca à questão do Latim, no período do Trecento, que o léxico toscano foi acolhendo e “digerindo” certos latinismos, com uma tal amplitude, da qual dificilmente se faz justa idéia. O Latim era muito mais usado para responder às necessidades dos compiladores de obras filosóficas e científicas, do que para atender às reais necessidades lingüísticas. Assim, justificava-se

⁶ ECO, U. *La ricerca della lingua perfetta nella cultura europea*. Roma- Bari: Laterza, 2002.

que muitos latinismos fossem usados para exprimir conceitos abstratos e, principalmente, para conferir elegância, decoro à linguagem, o que não se atingia com o uso do vulgar (que não tinha a dignidade do Latim). Porém, no fundo, percebia-se, cada vez mais notadamente, que tais manifestações correspondiam a uma momentânea oportunidade artística e não a uma necessidade social. Cabe, nesse sentido, um interessante questionamento: teriam àquela época, os escritores que optavam pelo vulgar, em vez do Latim, consciência da recepção de suas obras? Ou seja, em termos atuais, haveria já, na simples opção pela modalidade de língua, do vulgar ilustre que se foi impondo e afirmando como língua literária, a partir do Trecento e da ampla influência dos autores da Triplice Corona, uma preocupação efetiva com o leitor? Haveria, ainda que de modo muito incipiente e primário, alguma idéia que se centrasse na figura tão fundamental das análises e discussões estéticas contemporâneas, qual seja a do receptor da obra de arte, tal como proposto por Jauss, em sua “Estética da Recepção”? Guardando as devidas medidas e respeitando as proporções cronológicas e contextuais que qualquer estudo sócio-diacrônico precisa privilegiar, não podemos deixar passar em branco alguns fatos que se verificaram então, que parecem denotar um certo interesse, voltado a quem devesse ler o que se produzia em vulgar.

De fato, muitos escritores usavam alguns latinismos, mas tentavam “traduzi-los” para o vulgar. Em MIGLIORINI (1958) encontramos a seguinte afirmação: “o escritor que usa um latinismo sente, às vezes, a necessidade de esclarecê-lo, para que não pareça obscuro àqueles que, entre os seus leitores, ignoram o Latim”⁷. Assim, uma grande variedade de autores passou a escrever em vulgar, ainda quando faziam uso de alguns latinismos, pois sentiam necessidade de “facilitar” a linguagem, de torná-la mais acessível ao leitor não erudito, provavelmente desconhecedor do Latim. Ora, se o Latim era a língua gramatical aprendida nas escolas e portanto muito distante dos não escolarizados, poderíamos perceber na intenção daqueles escritores, ao menos sinais de um ideal de que um maior número de pessoas tivesse acesso a seus escritos. Ainda que a estratégia do uso de um vulgar ilustre, eminentemente florentino e literário, fosse fundamental para a

⁷Id. 2

vitória política de Firenze sobre o resto da Itália, ainda que se privilegiasse o culto à criação de um instrumental lingüístico clássico, na medida da magnificência de seus três grandes autores, ainda que não explicitamente popular, não nos parece inócuia aquela iniciativa de “tradução” dos termos latinos. Sugerimos, a partir destas reflexões, uma possibilidade de estudo, que parece bastante justificada, qual seja a de compreender melhor como se deu a recepção das obras escritas em vulgar ilustre, pelos leitores daquela época, o que não poderíamos tratar neste trabalho, uma vez que nosso objetivo primeiro poderia se diluir demais.

Retomando, então, o que se tentava expor inicialmente, queremos concluir este capítulo, conferindo a Dante, especialmente no “*De vulgari eloquentia*”, toda importância que lhe cabe, em termos da afirmação do florentino. Ele vai à procura do vulgar ilustre “como se vai à caça de uma pantera perfumada”⁸ (ECO, 2002). Diante das mais variadas formas de vulgar existentes, naturais mas não universais, diante de uma gramática universal, mas artificial, Dante persegue o sonho de uma restauração da “forma locutiones” edênica, natural e universal. Segundo ECO (2002):

o vulgar ilustre, cujo exemplo máximo será a sua língua poética, é o modo pelo qual um poeta moderno cura a ferida pós-babólica. Todo o segundo livro do ‘*De vulgari eloquentia*’ não pode ser compreendido como mero tratadozinho de Estilística, mas como o esforço em fixar as condições, as regras, a forma locutionis da única língua perfeita concebível, o Italiano da poesia dantesca.

É também Umberto ECO (2002) que observa, com toda razão, que qualquer pensador, linguista do Trecento poderia, sem muito esforço, partir do pressuposto de que o hebraico, inventado por Adão (segundo a tradição judaico-cristã), fosse uma língua perfeita (porque permitiu a Adão falar com Deus). Natural seria, então, que na escritura de um poema, não houvesse resistência em utilizar o hebraico, já que à mão, pronto e acabado. Porém, Dante não o fez. Preferiu acreditar que, talvez como candidato a uma espécie de novo Adão, deveria criar uma língua que correspondesse aos princípios universais doados por Deus. Essa busca incessante por uma língua ideal fez nascer o vulgar ilustre, paradigma literário florentino, que dominou toda Itália.

⁸Id. 5

2. A CONTRIBUIÇÃO DE MACHIAVELLI: O POLÊMICO “DISCORSO O DIALOGO INTORNO ALLA NOSTRA LÍNGUA”

MACHIAVELLI (1976) criou um discurso sobre a língua italiana, que gerou intensa polêmica, na medida em que serviu como força de expansão e superioridade do florentino.

De fato, ele tenta demonstrar que Dante escreveu em vulgar florentino e não como se teria dito em uma “lingua curial”; que os lombardismos, os neologismos, os latinismos esparsos dentro do poema são em número limitado e não enfraquecem a florentinità da sua língua; que Dante demonstra ter clara consciência desta florentinidade, não se justificando, assim, um certo ressentimento polêmico deplorável de subtrair à Firenze, no seu tratado lingüístico (“*De vulgari eloquentia*”), toda glória da língua. Machiavelli encarna a ideologia do florentinista convicto. Tinha (tal como Lorenzo) arguta consciência da reciprocidade entre domínio lingüístico e domínio político e contribuiu no que pôde para que a sua Firenze se impusesse. Mesmo que, conforme assevera em boa medida a crítica, tivesse sido muito exigente e rigoroso, na compreensão mais funda do tratado de Dante, seu grande mérito foi o de provar que o florentino era estruturalmente superior aos outros falares italianos. Até então, a teoria predominante de Bembo, fazia crer que a Tríplice Corona teria sido responsável por promover literariamente o florentino e, que devido a isso, sua força se teria mantido. Machiavelli advertirá à convicção do caráter primariamente oral e, apenas accidentalmente escrito, da língua. Isto equivale a dizer que existe uma solicitação autenticamente lingüística, antes da literária. Político que era, não tomou Bembo como aliado às suas convicções, pois valorizou preponderantemente aquela florentinidade falada, viva, popular como raiz, fonte e fundamento de sua tese. Assim, para ele, a língua do povo italiano é o florentino, por via de Direito e de fato. Por sua originária, intrínseca superioridade estrutural sobre os outros falares italianos e por causa disso pôde se prestar, facilmente, à elaboração literária dos autores da Tríplice Corona. Temos, como decorrência, uma precisa distinção entre língua

e literatura, que em Machiavelli, é muito clara. O florentino, ao qual ele atribui a prevalência e hegemonia sobre os outros dialetos italianos, é, em primeiro lugar, o florentino falado, cuja literariedade se acrescenta como prestigioso complemento. Conseqüentemente, a norma lingüística da Itália será o uso do popular falado em Firenze. Importa perceber que ele apresenta uma tendência a acreditar num naturalismo, valorizando na língua o elemento pátrio, ou seja nativo. Isto não significa que ele ignorasse, nem subestimasse o outro componente lingüístico, qual fosse o da cultura, da literariedade, da arte. Assim, o primado literário e artístico dos florentinos pôde se afirmar⁹:

não por outra razão, senão pelo fato de que o florentino era a língua mais adequada. Não pela comodidade de localização, nem por engenho ou por alguma outra particular característica meritória. De fato, Firenze foi a primeira a propiciar o surgimento destes grandes escritores, porque a língua ali falada era mais cômoda e adequada (o que não havia nas outras cidades).

Cremos que, para muito além da crítica, certamente injustificada ao tratado de Dante (devido provavelmente à falta de uma leitura mais profunda e menos partidarista), Machiavelli pôs o dedo na ferida da questão lingüística do Cinquecento, como ninguém. Sua contribuição se deu, na defesa ferrenha e politicamente sustentada do florentino, como genuína realidade concreta, daquele contexto. Posicionou-se contra as abstrações, contra o hibridismo eclético, contra a confusão língua-literatura, contra a postura antiflorentina, que sustentava a crença numa língua comum-italiana.

Concluindo, não se deve esquecer que os grandes protagonistas da controvérsia lingüística italiana foram Dante, Machiavelli e Manzoni. Significativamente engajados, sobretudo, os dois últimos. No primeiro, esta consciência se revelou, através da metáfora da onipresente, porém invisível pantera; no segundo, com o princípio e projeto da coextensão da predominância política e lingüística de Firenze a cobrir a inteira área italiana; no terceiro, com o notável conceito de uma Itália, (MANZONI, 1949) “una nas

⁹ MACHIAVELLI, N. **Discorso o dialogo intorno alla nostra lingua.** Torino: Einaudi, 1976.

armas, na língua, no altar, nas memórias, no sangue e na cor”¹⁰. Em resumo, em Dante, o posicionamento é imperialista; principesca em Machiavelli e nacional em Manzoni.

3. O FLORENTINO COMO BASE DA LÍNGUA LITERÁRIA

Do que se expôs, podemos, então, perceber que o Italiano foi, predominantemente, sinônimo de Língua Literária. O Florentino forneceu a base da Língua Literária Italiana. Representou uma força patriótica, pois foi a língua adotada pelos grandes representantes da cultura italiana, que passaram a ser sua referência. É bastante lógico, então, que no período da Unificação fosse até mais cômodo e fácil lançar mão do Florentino, como modelo de Língua Nacional, a língua dos grandes, apoiada pela Cúria, pelos ideais político-partidários nacionais (o que também acabará, mais tarde, sendo extremamente reiterado como instrumento de consolidação do Fascismo, por Mussolini, como língua de compromisso, língua de facção). Assim, quando, no século XIX, vem a ser adotado como língua falada, já existia como Língua Literária. O próprio MANZONI (1949), no livro “I Promessi Sposi” usa o Florentino, para validar um ideal católico (no fundo, uma versão do Catolicismo profundamente impregnada de idéias francesas). Mesmo literário, neste caso também, o florentino é língua de compromisso.¹¹

Desde sua formação e durante toda evolução histórica italiana, portanto, o Florentino foi-se firmando como língua nacional.

3.1 TRAÇOS DA FLORENTINIDADE EM VASCO PRATOLINI

Constatamos, então, que há uma justificada reverência, um culto à palavra, ao chamado “bom italiano”, que parece permanecer como uma marca, uma certa nostalgia daquele ideal trecentesco, dantesco, do qual é difícil se libertar.

Nosso propósito, agora, será o de verificar de que modo essa florentinidade se manteve ou que características passou a assumir na literatura italiana do século XX,

¹⁰MANZONI, A. **I promessi sposi**. São Paulo: Livraria Umberto Ghiggino, 1949.

¹¹Id. 9

especificamente na obra do escritor florentino, Vasco Pratolini (ver nota biográfica em anexo), do qual escolhemos apenas alguns fragmentos de obras e contos elucidativos para esta pesquisa. Muitos críticos italianos percebem um Pratolini ambíguo, contraditório, como um escritor que manifesta dois lados distintos: um Pratolini, a que denominam “idílico” e outro, a que chamam “social”. Lendo a biografia do escritor, percebe-se claramente sua origem muito simples, convivendo, desde pequeno, com sérias dificuldades afetivas (perda precoce da mãe), financeiras, já que conheceu de perto a miséria, a fome, o desespero da segunda guerra e se engajou politicamente com as lutas das classes operárias, atuando politicamente como líder revolucionário socialista, participando como membro atuante da Resistência anti-fascista. Ou seja, muito da temática de toda sua obra refletirá as questões das injustiças sociais, da miséria da vida dos becos, das vielas escuras, do submundo de uma Firenze pobre e depauperada, revelando um narrador onisciente, onipresente às questões-denúncia das desigualdades sociais. Porém, junto e inseparável desse Pratolini “social”, preocupado com a problemática sofrida de seu contexto, há um Pratolini que consegue debruçar-se no parapeito de uma janela e admirar, maravilhado, o que existe do lado de fora da fria umidade dos quartos sem aquecimento, a esperança que lhe confere à narrativa uma “doçura”, uma tentativa de descobrir a plenitude de vida-vitalidade, através do “idílico”. E talvez, sua força narrativa resida exatamente naquilo que, alguns críticos querem apontar como “ambigüidade”. No fundo, esta contradição parece ser a afirmação de um ser florentino, já que Firenze pontua toda sua obra, como topos, lugar de origem, raiz da qual ele se orgulha, uma Firenze que aparece narrada, através dos nomes das vias, das esquinas, das pontes, dos becos, dos moradores, operários, das tantas “ragazze”¹², uma Firenze que ele faz questão de mostrar conhecer como a palma da mão. E então, queremos notar o quanto Pratolini representa uma certa fidelidade “nostalgica” à sua cidade-pátria-língua-nação-Firenze. E mesmo narrando o desespero, a doença, a dor, as injustiças, as condições subumanas, retrato realista de seu tempo, reverencia sua língua-literatura, como se, de certa forma, ela representasse a esperança de uma salvação, como

¹² PRATOLINI, Vasco. *Le amiche*, in *Diario Sentimentale*. Milano:Mondadori, 1943.

se, ao abrir a janela, o rio Arno, passando “sotto il Ponte”¹³, o rio florentino-identidade-espaço-símbolo fosse muito mais que mero cenário ou pano de fundo para um acontecimento, fosse, junto com ele, um espectador atento, um sábio a ensinar lições, um eterno guardião daquela doçura poética de uma língua que não pode se deixar levar pelas tragédias, pelas cheias do rio... Para ilustrar nosso estudo, escolhemos o conto Vanda¹⁴. A reverência, o respeito ao “bom italiano” pontua todo o conto, desde a escolha e concordância dos tempos verbais, extremamente “gramaticais”, preferencialmente o Imperfeito (que é verdadeiramente o mais adequado tempo do conto, já que há uma suspensão no tempo) e a escolha pelo uso do Passato Remoto, ao qual ele recorre mais do que ao Passato Prossimo. Não que estas opções de procedimentos lingüísticos não ocorram em outros escritores italianos (aliás, esse respeito à norma culta, “douta”, herdada daquele orgulho reverencial ao Florentino, parece ser uma marca que, em geral, percorre a literatura italiana), porém há um primor de linguagem em Pratolini, inclusive nos diálogos dos personagens, de suas falas, que é muito florentino (conferindo, às vezes uma atenção extremada à necessidade de preservação da língua, em que não ocorrem apócope, nem elisões, lendo-se, no conto, uma língua literária em que se preservam as vogais finais, traços adequados à uma característica florentina-italiana de preservação de uma estrutura clássica da linguagem. Observemos que interessante a “lição” do Imperativo, que (PRATOLINI, 1943, linha 9) “la piccina....balbettava: “Sii, siate, siano.” Sob o pretexto de divagar, de desconcentrar um pouco a ação que se travava entre o narrador e Vanda, aparecem uma mulher e uma menina, que repetia uma lição. Que lição? Como conjugar bem o Imperativo. Mesmo que, logo em seguida, os protagonistas riam da situação, ela é bem lembrada e reiterada, como um traço desse apego, dessa necessidade de reverenciar a língua (ainda que se possa notar nisso alguma ironia). Se observarmos, da linha vinte à vinte e cinco, veremos o uso perfeito das preposições, dos pronomes diretos, dos accoppiati, con le particelle, ecc. Vejamos, agora as linhas 65 e 66: “So tutto di te, sei come l’aria che respiro. Ti conosco come un libro stampato” risposi. “Oh, grullo” essa

¹³ Id. 11

¹⁴ Id. 11

disse, e v'era um tono nella sua voce, di affetto e di sconforto insieme, che dovevo poi ricordare.” Esta expressão, “grullo”, que significa lento, tolo, bobo, “scemmo” vem no dicionário como “lento e torpido nel movimento, nei pensieri e sim.:Quanto sei grullo oggi!” e é de origem toscana. Interessante observar, como Pratolini opta pelo uso do Fiorentino mais clássico - observemos o uso de “essa” e “ella”- linha 88 em vez de “lei”, mesmo quando há uma certa espontaneidade nos diálogos entre aquele jovem casal (“avevamo diciotto anni”- linha¹⁶ - note-se que nem mesmo a previsível elisão diciott’anni é realizada...) Essa expressão (grullo) foi a única que nos chamou, especialmente, a atenção, por fugir à regra geral dos demais diálogos do conto como um todo.

Além destas constatações lingüísticas, é muito importante observar como a ambientação dos encontros, pontuados pela Ponte e pelas transformações que o rio vai sofrendo, acompanhando as mudanças de estação (verificar linhas 3,10,11,15, 20, 27, 32, 35, 36, 40, 44, 68, 69, 79, 83, 91, 93, 99, 101, 102) de certa forma, marcam as mudanças de comportamento de Vanda, que guarda um segredo, criando toda uma expectativa, que só se resolverá no final, quando o rio transbordará, assim como Vanda, não suportando mais o sofrimento de ser vítima da perseguição contra os judeus no período do nazi-fascismo, também “transbordará” e optará por atirar-se ao rio. Interessante notar que ao referir-se à Ponte e ao rio, o autor nem tenha necessidade de especificá-los, já que tão marcadamente florentinos: “Ponte”- trata-se da Ponte Vecchio, a mais bela e mais antiga das pontes de Firenze, construída em 1345. Foi a única ponte de Firenze preservada pelas tropas alemãs, durante a retirada de 1944. A Ponte Vecchio se sustenta sobre três arcadas e tem a cada lado uma série de lojas de ourives e prateiros.”¹⁵

Para esclarecer melhor ainda esse traço de Pratolini, basta comparar, por exemplo, apenas e tão só a título ilustrativo, este conto Vanda com o conto “La Ciociara” de Alberto Moravia¹⁶, em que a protagonista Tuda apresenta toda a espontaneidade do “jeito” de falar, do dialeto da Ciociaria, um modo de expressão mais livre, muito bem

¹⁵ Id. 11

¹⁶ MORAVIA, Alberto. **Racconti romani**. Milano: Bompiani, 2001. (v. 1).

retratado no conto, já que colabora, também, para que se desenhe, para o leitor, a mais fidedigna imagem de uma mulher ciociara. Veja-se, por exemplo, (MORAVIA, 2001, linha 66): “Tie’, professore, prendi, t’ho portato l’ova fresche.” . Logicamente, se se tratasse de privilegiar o florentino, não se ousaria uma forma dialetal explícita. Talvez, no italiano gramatical, reescrevêssemos: “Tenga Lei, Professore, gliene ho portato delle uova fresche.” (“Tome, senhor professor, trouxe-lhe uns ovos frescos.”)

Em “Cronache di poveri amanti”¹⁷, encontramos um fragmento que se presta à demonstração de uma interessantíssima consciência metalingüística do autor. Assim como vimos anteriormente, mesmo de modo irônico, Pratolini não deixa de refletir sobre a imposição de uma língua italiana que preza e privilegia a regra (exemplo da menina que vai repetindo, pela rua, a lição do Imperativo). Neste diálogo entre Renzo e Musetta, do qual transcreveremos a parte que nos interessa, o autor torna a enfatizar, como é forte, mesmo no espírito popular, não escolarizado, a marca onipresente, ainda que não bem compreendida pelo falante, de Dante:

- Lo Staderini saprai chi è, spero.
- Mi ha recitato un canto dell’Inferno mentre mi metteva una toppa a questa scarpa.
- Dante è la sua fissazione, ma in via del Corno non lo ascolta più nessuno. È costretto a declamare nella bettola di via dei Saponai.
- Eppure recita i versi come un professore! Ti piacciono le poesie?
- Le capisco poco, e a te piacciono?
- A me sì... Leggere ti piace?
- Abbastanza, ma non trovo mai il tempo.
- Io ho una biblioteca di quattordici volumi. Se vuoi ti posso prestare qualche romanzo.
- Parlano d’amore?
- Anche...

(traduzindo:

- O Staderini, saberá quem é, espero.
- Me declamou um canto do Inferno enquanto colocava um remendo neste sapato.
- Dante é a sua fixação, mas na rua do Corno ninguém o ouve. É obrigado a declamar na hospedaria da rua dos Saponai.
- Assim mesmo, declama os versos como um professor! Você gosta de poesias?
- As comprehendo pouco, e você gosta?
- Sim.... Você gosta de ler?
- Muito, mas nunca acho o tempo.
- Eu tenho uma biblioteca de quatorze volumes. Se quiser, posso lhe emprestar algum romance.
- Falam de amor?

¹⁷ PRATOLINI, V. In: RADELLI, G. **Voci d’Italia**.Milano: Mondadori, 1985. (v. 1).

- Também...)

A expressão “bettola” do dialeto toscano é sinônima de “osteria”. Mesmo que o personagem Staderini tenha sido obrigado a recitar Dante em outro lugar, já que na rua do Corso, ninguém o ouvia (o que induziria a imaginar um certo desprezo pela recitação dourada e formal da poesia dantesca), ainda assim (mesmo que ironicamente) ele, homem do povo, sapateiro, insiste em declamar Dante e note-se bem, faz isso como um professor, na rua dos Saponai, onde ainda há quem o escute. A nosso ver, Pratolini, abrindo esse espaço para a recitação de Dante, em plena cidade transfigurada por sua literatura de século XX (a data da edição deste livro é de 1947), escolhe semanticamente estes temas, que se repetem em diferentes momentos de sua vasta obra, o que não pode ser desconsiderado, numa análise que se pretenda sócio-lingüístico-literária. Sua arguta observação dos diferentes usos da linguagem demonstra, ainda que a contrario senso (já que às vezes, pelo recurso da ironia fina), uma fidelidade à temática lingüística, com a imperativa força que esta assume, desde os mais remotos tempos, com todas as famosas discussões e polêmicas diatribes de sua amada Firenze.

Entendemos assim, que, dialética e paradoxalmente o Pratolini “social” do submundo, da fome, do pós-guerra e toda sua dilaceração, descrita nos bairros, nos becos e quartos-cubículos-frios de um espaço triste e decadente, que ele palmilha, com o olhar de profundo conhecedor, mesmo na pobreza contundente dessa miserável Via del Corso ou dei Saponai, consegue se harmonizar com o “idílico”, que sobrevive, respirando um ar mais puro, abrindo uma das faces da janela, que dá para o rio Arno, transbordando vida e poeticidade. Um dos traços desse “idílico” comporta a escolha temática do autor, quanto aos procedimentos metalingüísticos de reiterada preocupação em demonstrar uma resistência quase que, também, “partigiana”, à marca da qual não se consegue livrar nunca: o florentino nostálgico da língua de Dante. A propósito, como dado biográfico do autor, em uma entrevista, ele revela o quanto sua vida foi marcada pelas inscrições dantescas:

Vivia com minha avó que era analfabeta, e aos cinco anos me colocaram nos Scolopi, dos quais, acabei, rapidamente, sendo expulso por indisciplina... Há, porém, um fato significativo, que talvez possa ser tomado como um dado mitológico, mas, sob a nossa casa, havia uns marmores em que estavam inscritas as tercinas dantescas. Para um rapaz do povo, isso poderia se transformar numa reação em cadeia: ler Dante passava a ser natural e daí, das notas ao pé da página da Divina Comédia, progredia-se, consequentemente, aos livros de História, aos cronistas, biógrafos...¹⁸

Cumpre ainda recordar que ele é um dos pouquíssimos escritores italianos de grande porte proveniente da camada popular, conforme (LONGOBARDI, 1974):

daqueles bairros florentinos fervilhantes de atividade artesanal e de vida operária, àquela época, ainda isolados como outras tantas reservas e guetos do restante aglomerado citadino; muitos dos romances e dos contos pratolinianos extraem seus títulos destes ambientes em que ele viveu.¹⁹

Fiorentino, toscano, italiano (engajado nas lutas pela reconstrução da pátria durante e após as catástrofes cívicas advindas do fascismo e da segunda guerra mundial), Pratolini toca em suas narrativas o universal do contraponto humanização/desumanização do ser, em sua experiência social. Esse complexo temático e o enfoque militante, feito da associação do olhar e do proceder literários da modernidade com o legado do verismo do século XIX (reprocessado ideologicamente) exemplifica o que se tem nomeado, em muitos dos estudos da época literária do autor, como neo-realismo. Para além dessa denominação e do que ela carregue de relativizável, os textos ficcionais que aqui se mostraram como corpus analisado, nos colocaram diante de ocorrências complexas e reveladoras de uma identidade literária e criativa, marcada pela tensão e pela contradição de princípios, da qual se desprendem, como primeira suspeita, a essência e a alma das intrigas de suas narrativas. Foi no fértil terreno lingüístico e das concepções idiomáticas, que melhor pudemos notar os dilemas dessa identidade em construção e em constante estado de crítica/crise. Buscamos, na narração e no discurso direto das personagens, notar a exaltação de uma língua viva, retratada nas manifestações de uso cotidiano e coloquial do idioma, com uma leve tendência (porque jamais experimental ou ornamental) à visão de variações diastráticas em consonância com os primados ideológicos assumidos pelo

¹⁸BERTONCINI, G. **Il romanzo di Pratolini.** Modena: Mucchi, 1993.

¹⁹LONGOBARDI, F. **Vasco Pratolini.** Milano: Mursia, 1974.

autor, notório socialista, envolvido e preocupado com problemas sociais. Nessa sua visão de variações diastráticas, talvez, se possa entrever, também, a da variação diatópica, na percepção de registros lingüísticos de sua região e o que isso conta sobre as realidades humanas ali situadas. Tudo que aqui se afirmou é, em tese, compatível com o fundamento estético e ideológico do neo-realismo e sua vinculação com as causas do povo (não esqueçamos que, em se tratando de Itália, essas causas quase sempre se adensam pelos ressentimentos e pelo anseio de um respeito às identidades idiomáticas locais, em confronto com uma coerção ditada pelo discurso centralizador, que remonta à unificação nacional do século XIX e que nunca se resolveu pacificamente). Mas é nesse ponto que se coloca, para o autor, a espinhosa questão de assumir-se identificado com traços culturais e idiomáticos locais, sendo, também, o cultivador de um “idioma literário”, caracterizado pelo refinamento, a correção e a docura, que, de certo modo, o situam na rota histórica de convergência com os elementos identificadores do ser literário (e lingüístico) dos autores toscanos, a despeito de sua posição ideológica. Nesse ponto, nos abrimos a uma segunda e mais abrangente suspeita: Pratolini, em sua criação, retrabalha os dilemas de toda uma coletividade dos autores, que vivenciam, em variadas conjunturas históricas, um diálogo tenso com as noções de identidade nacional e língua italiana. É possível, então, notar, de um lado, a prevalência de uma italianidade forjada pelos valores do movimento de unificação e que se traduz no apego a um idioma imposto (talvez ficcionalmente) como hegemônico, originado do toscano e assumido pela média dos escritores. Por outro lado, é forte a resistência localizada, radicalizada em ações de desobediência idiomática a essa unificação artificial (e que parece irreversível, apesar dos ressentimentos). Esse fato é bem elucidado no comportamento paisano da maioria dos italianos e na vivência afetiva de uma memória dos dialetos.

4.CONCLUSÃO

Gostaríamos de concluir este estudo, levantando algumas hipóteses. Será que não haveria, até por questões sociolingüísticas (que, no limite, envolveriam um maior “aprisionamento” formal à nostalgia reverencial ao Florentino, com toda sua marca de

tradição e orgulho italianos) uma maior liberdade no comportamento lingüístico, constatado em alguns dos *Racconti Romani* de Moravia, respeitando, valorizando as variantes dialetais e também variantes de ambientações e situações, de um povo colhido no flagrante de uma realidade mais despojada, que respeita esse lado social de língua mutante viva, do que uma certa restrição atávica da nostalgia do “bom italiano”? Não seriam esses *Racconti di Moravia*, talvez, mais provocadores, irreverentes, num espírito romano, que não precisa prestar contas, já que do ponto de vista histórico-lingüístico, Firenze sempre foi a maior referência, abrindo, inclusive espaço à Roma, para um desenraizamento, um distanciamento do ser Fiorentino (com tudo que esse ser possa comportar?)

Além dessas questões mais especificamente literárias, queremos finalizar, tentando sistematizar a sempre atual “questione della lingua italiana”, com NENCIONI (1988). Observamos que ele aponta, em seu brilhante estudo “Identità Lingüística e Identità Nazionale”²⁰, para a urgência atualíssima da revisão do papel dos estudiosos da Língua, para que encarnem um posicionamento engajadamente sociolinguístico. Assim como a dualidade pratoliniana “idílico-sociale” só enriquece a literatura italiana, com a beleza de sua aparente contradição, também Giovanni Nencioni, concilia o papel reverencial de membro da tradicional Academia della Crusca, como guardião da língua de Dante, mas não deixa de atentar à urgência de compreensão mais ampla do fenômeno da multiplicidade dialetal italiana, como grito de resistência ao sistema avassalador de forçada homogeneização, imposto pelos meios multimidiáticos e globais, como instrumento de padronização de uma Língua Standard, cada vez mais empobrecida e redutora.

Numa dimensão diacrônica, problematizada pela imposição de uma identidade “italiana” a todas as comunidades da península e das ilhas, tem-se como marca dominante da italianidade o confronto entre o modelo classicizante e aristocrático (apolíneo) de um idioma nobre, prescrito como norma civilizatória e medida do “bom tom” literário, versus a herança (quase como um “id”, sempre perto da erupção escandalosa) dos comuni

²⁰Id. 1

medievais e sua autonomia, sua tendência a resistir aos ditames de poderes centralizados, traduzida no dionisíaco e no subversivo do carnaval da Idade Média.

Aqui ficam estas indagações, para possíveis análises futuras. Pretendemos, neste artigo, compreender a relação entre criação literária (empreendimento estético material de iniciativa inventiva individual, mas que se nutre das coordenadas do contexto histórico e de mentalidades do qual emerge) e realidades idiomáticas. Não se quis, em nenhum momento, tomar a literatura para atender a uma intenção meramente exemplificadora ou ilustrativa de fenômenos lingüísticos, nem mesmo crer que a noção de idioma aqui defendida teria seu “melhor” reflexo no que os escritores compuseram. Sustentou-se uma visão dialética dessa relação, permitida pela maneira como esses universos interdependentes, o literário e o idiomático, se tocam e se “trocam”, ao longo da história do que se entende por cultura italiana, por mais complexa que seja a definição desta. Em nenhum momento se quis conferir qualquer juízo valorativo, até porque tentamos demonstrar, no que nos foi possível, que, acreditamos, sim, na força narrativa de um Vasco Pratolini forentino, com toda sua ambigüidade, o Pratolini di “tenersi a bada” (“manter sob controle”), idílico e social, mas sobretudo, o Pratolini para desfrutar com o prazer e a certeza de que se está diante de um grande escritor.. Acreditamos, também, nas profícias discussões a respeito da Língua Italiana, aprendendo, através do que nos incitaram os diversos autores aqui citados, que este é um campo, que jamais se fecha. Ao contrário, abre-se incessantemente à luz inquieta das indagações dos que sabem, que mais importante do que encontrar respostas, a verdadeira essência do espírito atento está em perguntar.

5.REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ASCOLI, G. **Cultura e língua nazional**. Firenze: Accademia della Crusca, 1995.

BERTONCINI, G. **Il romanzo di Pratolini**. Modena: Mucchi, 1993.

CURTIUS, E. R. **Literatura européia e idade média latina.** . São Paulo: Edusp, 1996.

ECO, U. **La ricerca della lingua perfetta nella cultura europea.** Roma- Bari: Laterza, 2002.

LONGOBARDI, F. **Vasco Pratolini.** Milano: Mursia, 1974.

MACHIAVELLI, N. **Discorso o dialogo intorno alla nostra lingua.** Torino: Einaudi, 1976.

MANZONI, A. **I promessi sposi.** São Paulo: Livraria Umberto Ghiggino, 1949.

MIGLIORINI, B. **Storia della lingua italiana.** Firenze: Sansoni, 1958.

MORAVIA, A. **Racconti romani.** Milano: Bompiani, 2001. (v. 1)

NENCIONI, G. **Di scritto e di parlato. Discorsi linguistici.** Bologna: Zanichelli, 1988.

PRATOLINI, V. **Il quartiere.** Milano: La Nuova Biblioteca, 1944.

_____. Le amiche. In: **Diario Sentimentale.** Milano: Mondadori, 1943.

RADELLI, G. **Voci d'Italia.** Milano: Mondadori, 1985. (v. 1)

ROHLFS, G. **Studi e ricerche su lingua e dialetti d'Italia.** Torino: Einaudi, 1969.

VILLA, C. **Invito alla lettura di Pratolini.** Milano: Mursia, 1977.